

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Érica Francisca Vieira Araújo e Castro

**A RELAÇÃO ENTRE OS ALUNOS E O PATRIMÔNIO DE SUA
ESCOLA**

Belo Horizonte
2012

Érica Francisca Vieira Araújo e Castro

A RELAÇÃO ENTRE OS ALUNOS E O PATRIMÔNIO DE SUA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Miriam Hermeto de Sá Motta

Belo Horizonte
2012

A RELAÇÃO ENTRE OS ALUNOS E O PATRIMÔNIO DE SUA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Miriam Hermeto

Aprovado em 28 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Miriam Hermeto de Sá Motta – Faculdade de Educação da UFMG

Elaine Soares França – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Esta pesquisa objetiva compreender de que maneira os alunos de uma escola municipal de Congonhas relacionam-se com sua escola, tendo em vista o fato de que eles a depredam e, aparentemente, não possuem uma relação de afeto com ela, nem a consideram importante para sua história. Tal hipótese foi testada através de conversas registradas em um diário de campo além de através da produção de um desenho no qual os alunos deveriam representar um local da cidade que fosse para eles uma referência, uma representação da cidade e de sua relação com ela. A escola apareceu apenas 6,81% dos desenhos. A partir desse diagnóstico, propôs-se uma atividade de educação ambiental e patrimonial, tendo como base técnicas para o ensino da Educação Patrimonial, defendidas por Grumberg, para que os alunos desenvolvessem um caderno memória, com entrevistas, desenhos e redações que tenham como tema a instituição onde estudam, como forma de aproximar a história deles e dos seus com a escola.

Palavras-chave: Memória, apropriação, educação patrimonial.

ABSTRACT

This research aims at understanding the relationship students from a municipal school in Congonhas – MG (Brazil) have with their own school. We chose to study this because the students vandalize it and, apparently, do not feel any affection for it. It also seemed they did not consider the school to be something important to their history. The hypothesis that they didn't have the school as a cultural reference was tested through talks during class, which were registered in a field journal, a drawing assignment in which they should picture a place in the city which was a reference to them, a representation of the city and their relationship with it. The school appeared in only 6,81% of the drawings. From these findings I propose an Environmental and Patrimonial Education activity which relies on the techniques of the Teachings of Patrimonial Education, according to Grumberg. The students should develop a memory-notebook with interviews, drawings and compositions, having their school as the theme, to approach their history and their family's to the school.

Key-words: Memory, appropriation, Patrimonial Education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Alunos e seus desenhos	20
---	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS

CMBH _____	Colégio Municipal de Belo Horizonte
ESX _____	Escola X
EI _____	Educação Infantil
EF _____	Ensino Fundamental
EJA _____	Educação para Jovens e Adultos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. MEMORIAL	10
1.1 Reflexões infantis, adultas e mais	10
1.1.1 O tema e eu	10
1.1.2 Paradigmas e expectativas	13
2. PROJETO	16
2.1 Problematização	16
2.2 Objetivos	16
2.2.1 Objetivos gerais	16
2.2.2 Objetivos específicos	16
2.3 Justificativa	16
2.3.1 Referências culturais e a identidade	17
2.3.1.1 A escola enquanto referência cultural	18
2.3.2 É a ESX uma referência cultural para seus alunos?	21
2.3.2.1 A ESX	21
2.3.2.2 A pesquisa	22
2.3.2.3 A análise	23
2.3.3 Consciência de preservação e memória: uma ressemantização da escola	27
3 PRODUTO PEDAGÓGICO: “CADERNO-MEMÓRIA: MINHA ESCOLA E EU”	29
3.1 Material	29
3.2 Duração	29
3.3 Procedimentos	30
4 REFERÊNCIAS	32
5 ANEXOS	34
5.1 Diário de Campo	34
5.2 Amostra de desenhos dos alunos	37
5.2.1 A escola	37
5.2.2 A fé	40
5.2.3 O parque da Cachoeira	41
5.2.4 Homem armado no telhado da casa do tio	41

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada ao longo do ano de 2011 até o primeiro semestre de 2012, em uma escola municipal de Congonhas, a qual será nomeada Escola X (ESX), objetivando compreender a relação dos alunos com o patrimônio escolar e as causas dos mesmos sentirem-se livres para fazer dele mau uso ou depredá-lo. Ainda, pretendi fornecer um Plano de Ação que apresente formas pelas quais os alunos poderão ser aproximados do patrimônio escolar, de forma a que possam apropriar-se dele passando a tratá-lo com mais zelo.

A Escola X (ESX) possui Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II além de salas de EJA e fica em bairro de periferia conhecido na cidade por sua violência e família em situações de risco social.

Este plano de ação será apresentado em 3 partes sendo a primeira uma breve descrição de minha trajetória como meio de demonstrar minha aproximação com o tema.

Na segunda parte apresentarei o embasamento teórico para a elaboração de um projeto pedagógico que visará a aproximação dos alunos em relação à escola tomando-a como seu lugar de memórias. Para tanto, utilizei pressupostos de Durkheim para a educação e de Londres e Horta para a ressignificação do lugar e técnicas da educação patrimonial que podem ser utilizadas para promover o contato do aluno com sua escola.

No produto pedagógico em si, denominado *Caderno-Memória: Minha Escola e Eu*, propõe-se que o aluno utilize atividades inspiradas em pressupostos de Grumberg para estabelecer uma conexão entre si e a escola, e para perceber que a escola onde estuda é parte importante de sua identidade e da identidade de sua comunidade.

1. MEMORIAL

1.1 Reflexões infantis, adultas e mais

1.1.1 O tema e eu

Em minha família o saber sempre foi algo valorizado: um dos nossos jogos preferidos era o de “você sabe a resposta” durante o qual se fazem perguntas de qualquer ordem. Minha irmã e eu fomos desde cedo incentivadas a prezar o conhecimento e a gostar de livros.

Desta forma, a escola, para mim, jamais foi um lugar de punição. Minha mãe sempre foi contra o que outras mulheres de sua idade faziam para assustar as crianças. Diziam-lhes quando estavam muito arteiras: “Se não se comportar, te mando pra escola!”.

Ao contrário, minha mãe sempre frisava que na escola aprendem-se coisas novas, fazem-se amigos, conhece-se a professora (a qual, segundo pintado por ela, era alguém de saber quase místico, capaz de ensinar o que você quisesse), além de conhecer e fazer muitas brincadeiras. E mais: na escola havia livros de montão e um lugar chamado biblioteca – a qual ela me levou para conhecer quando foi matricular-me no antigo 1º ano, em uma escola pública perto de casa.

Desde pequena sonhei ser aquela professora pintada por minha mãe: a que sabe e é capaz de ensinar – até mesmo nas brincadeiras de crianças, era sempre eu quem dava aulas e as outras crianças brincavam de alunas.

Lembro-me ainda da minha primeira escola – apesar de ter esquecido seu nome, lembro-me de sua localização, do uniforme que usávamos e de como eu gostava de ir para lá e me sentar nas mesinhas azuis com meus colegas e fazer muitas coisas.

A escola desde então tem sido para mim um local onde se aprende e a professora, alguém que sabe.

Com o desejo de seguir o magistério frequentei várias escolas, das quais sempre me recordo ao desenvolver minha prática – afinal, foi como aluna que descobri que tipo de professor eu gostaria de ser: alguém que fosse respeitado e ouvido pelos alunos ao mediar o conteúdo, alguém com capacidade para ensinar e aprender de seus pupilos, alguém capaz de influenciar a vida deles beneficentemente como a minha própria havia sido influenciada pelos meus professores preferidos.

Ainda como aluna, descobri a escola que eu gosto de frequentar: bonita, limpa, organizada – um local onde eu me sinto bem-vinda, com o qual eu possa criar um vínculo e para o qual eu deseje sempre voltar.

As minhas formações básica e média foram feitas em diferentes escolas públicas em Belo Horizonte, minha cidade natal.

Após o Jardim de Infância – como era chamada a Educação Infantil na época - comecei em uma pequena escola do meu bairro de onde, por recomendação da diretora, fui transferida para uma escola estadual – a Silvano Brandão. Dali, ingressei na Escola Municipal Honorina de Barros, na quarta série, atual quinto ano com o objetivo de garantir minha matrícula no Colégio Municipal de Belo Horizonte (CMBH), então uma referência na cidade, em conjunto com o Estadual Central e o Marconi.

Os planos dos meus pais foram frustrados porque, excepcionalmente naquele ano, até mesmo os alunos da Escola Municipal Honorina de Barros deveriam submeter-se à prova de seleção para ingresso no CMBH. Assim, participei da seleção como era requisitado, e fui aprovada passando a cursar ali a quinta série, atual sexto ano, e de lá saindo apenas ao concluir o Ensino Médio.

Do CMBH guardo grandes lembranças que influenciaram em muito minha prática como educadora além de ter influenciado fortemente quem eu sou. Lá é a escola para onde sempre quero voltar e a qual enxergo com profundo saudosismo sempre que passo por perto de sua vizinhança.

No CMBH fiz teatro, canto, pratiquei esportes, joguei RPG (Role-Playing Game) e aprendi a falar inglês – com minhas professoras mesmo, em sala de aula, sempre cercada por aproximadamente 40 colegas. E isso me pareceu natural.

Lá também pude perceber como a escola é “a cara” do seu diretor e de seu corpo docente.

Quando entrei no CMBH o diretor era o Prof. Silas – extremamente respeitado por todos. Ele exigia postura, bom comportamento – e mais: zelava pela escola e exigia que todos também o fizessem.

Não existia na escola papel no chão, carteira suja ou estragada – que não fosse pelo uso – paredes pichadas, nada disto. A disciplina era exemplar, a começar pelo uniforme dos alunos, sempre impecável. As palavras dele e das disciplinares ecoavam a da Prof^a. Carmem Lúcia, minha primeira professora depois do Jardim: que a nossa aparência é nosso cartão de visita e que o ambiente que nos cerca espelha quem somos.

Então, não era difícil colocar o lixo no cesto, não estragar as coisas, não por o pé na parede – era apenas natural.

Lá no CMBH, ainda, aprendi que público não é sinônimo de sem dono, mas sim que quer dizer algo que pertence a todas as pessoas – e que, por isso, ninguém tem o direito de destruir.

Estudávamos em uma escola pública e isto fazia todo o sentido: não quebrar, não destruir, não deprender o banheiro, não sujar as paredes – tudo lá seria usado por nós, os maiores beneficiados se tudo fosse mantido organizado.

Havia, lógico, fugas de toda esta ordem: jamais faltou, por exemplo, quem escrevesse do lado de dentro das portas dos banheiros – mas era o máximo de quebra de leis que se via já que, excetuando-se os escritos nas portas, não havia desordens outras, mesmo no banheiro. O

interessante era que eu sempre lia tais escritos: havia o gosto da transgressão, mas também pela curiosidade com relação ao que pensavam os outros – pensamentos que não podiam ser confessados em voz alta, mas que eram escritos sem pudor nas portas.

E assim foram os primeiros anos de meu ingresso no CMBH.

Entretanto, alguns anos após minha admissão, novas “ideias pedagógicas” surgiram e novos diretores vieram com suas ideias modernas implantando planos político-educacionais de acordo com a “última moda”.

Ainda, ampliou-se a diversidade sócio-cultural dos alunos através da eliminação da prova de admissão.

E, aos poucos a escola perdeu sua característica: paredes antes limpas passaram a ser pichadas – não apenas portas de banheiro pelo lado de dentro do box -, carteiras quebradas, vasos explodidos, etc.

Era ainda flagrante a diferença de como as pessoas encaravam a escola: havia aqueles, ainda herdeiros da forma “antiga” de pensar que criam que conservar a escola era dever de todos; e passou a haver aqueles que pensavam que a escola não lhes pertencia – era do prefeito, do governo, do presidente, mas nunca deles mesmos – e por isso, não sentiam obrigação alguma para com ela.

Concluí meu ensino médio no CMBH, posterguei a entrada na universidade por alguns anos deixando ainda de lado aquelas percepções com relação à diferença na maneira como pessoas encaravam a mesma escola.

Casei-me, mudei de cidade, tive um filho.

Em Conselheiro Lafaiete, comecei a lecionar em curso livre e, algum tempo depois, obtive meu CAE (Certificate in Advanced English), da Universidade de Cambridge. Ainda, dava aulas de alfabetização em Braille para deficientes visuais, já que na época, a cidade não contava com uma escola apropriada.

Mas, eu queria ensinar em escolas regulares. Por isso, decidi, finalmente, que já havia postergado demais meu ingresso na academia. Assim, fiz vestibular e ingressei na FASAR (Faculdade Santa Rita), em Conselheiro Lafaiete, onde moro até hoje. Graduei-me e comecei a lecionar em uma renomada escola particular da cidade.

Lá, as classes são heterogêneas e denominadas por letras – é uma forma não-discriminatória de distribuição de alunos, segundo a direção.

Há apenas uma sala que, todos os anos é formada por alunos novatos – a qual nomearei o 1ºB (1º ano do Ensino Médio). É uma turma que passa pela adaptação todos os anos já que é sempre constituída por egressos das escolas públicas de Lafaiete ou de outras escolas particulares.

Sendo assim, é inevitável que este primeiro ano seja tópico de infinitas conversas na sala dos professores: “como eles estão bem este ano!”, ou “como eles estão mal!”. “Que turminha que não tem preguiça!”, ou “Que turminha preguiçosa!” – assim era de ano a ano, segundo as características daqueles 1ºB.

Após alguns meses, eles já não são mais “os novatos” e integram-se aos demais alunos deixando de ser tão díspares.

Entretanto, certo dia, a pessoa responsável pela limpeza da escola comentou como as carteiras da sala do 1ºB daquele ano estavam destruídas – riscadas de estilete, manchadas de caneta, com escritos e desenhos obscenos ou de times de futebol, enfim, aniquiladas. Ela ainda disse que as crianças da tarde – porque nas mesmas salas, durante a tarde, estudavam pequenos das primeiras séries do Ensino Fundamental – não estavam conseguindo fazer trabalhos de artes devido às ranhuras e que elas comentavam sobre os desenhos e escritos.

Assim, entrei em contato de novo com aquelas mesmas diferenças de percepção. Se era algo observado apenas naquela sala, o que fazia com que aqueles alunos novatos agissem de maneira tão diferente dos demais que já frequentavam a escola?

Comecei a me lembrar do que ocorreu durante minha adolescência – o que levava alguns a depredarem enquanto outros não?

1.1.2 Paradigmas e expectativas

Desde o ano de 2011, ingressei no funcionalismo público em Congonhas (MG), vi a quebra de alguns de meus paradigmas e a confirmação de outros tantos dentro das sete escolas nas quais comecei a atuar. O interessante é observar que meu cargo, constituído de 18 (dezoito) aulas, ficou extremamente fracionado – dou aulas em sete das 29 escolas do município. Tal número corresponde a um quinto (24,13%) das escolas municipais o que me possibilita uma visão privilegiada do funcionamento da rede podendo contrastar realidades presentes aqui e acolá.

A princípio, quando decidi fazer a prova para PEBII, esperava lecionar para o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano). Tal não se confirmou e a maioria das minhas aulas passaram a ser de 4º e 5º ano.

Enquanto preparava-me para iniciar as aulas, notícias já vistas sobre alunos de escola pública e os incidentes entre os mesmos e os professores – envolvendo agressões e outros problemas – inundavam-me a mente e eu me questionava se me depararia com esta mesma realidade em minhas aulas. Imaginei escolas sujas, depredadas, pais displicentes – enfim, o pior dos cenários, aquele da TV.

Quando cheguei às escolas, este foi o primeiro paradigma quebrado – a maior parte das escolas era limpa, conservada (na medida do possível), e possuía alunos quietos, outros levados – como em qualquer outra escola. Quanto aos pais aplicava-se a mesma lógica: enquanto alguns são participativos e ativos, outros mal sabem em qual série seu filho estuda ou quem é sua professora – como também é passível de acontecer em qualquer escola.

Das seis escolas onde trabalho, apenas uma, a qual chamarei Escola X (ESX), destacava-se como discrepante: lá, grande parte dos alunos não conheciam hierarquia, muitos permaneciam pelos corredores durante o período de aula e algo que incomodou-me sobremaneira: a escola era suja – por restos de comida e poeira, e as carteiras depredadas, escritas, marcadas.

Ainda, na ESX ocorreu durante o ano, inclusive, pelo menos, um caso de destruição de patrimônio particular do professor: uma colega teve a pintura de seu carro arranhada com xingamentos escritos por todo o capô.

E mais, das sete escolas do município em que leciono fica claro quando se comparam a ESX com as demais: a diferença entre a forma como as crianças tratam suas escolas é flagrante: enquanto a maioria é limpa e as salas organizadas, na ESX é o oposto.

Na maior parte das escolas, após a merenda se vê a sujeira “normal” de um local que serviu de cantina para crianças: grãos ao redor de onde foram colocados os pratos, um pouco de suco derramado – nada demais.

Já na ESX, veem-se pratos virados no chão, copos de iogurte largados cheios, frutas com poucas mordidas atiradas aos cantos.

A diferença no uso das carteiras também é imensa: na ESX elas estão marcadas, escritas, rasgadas de estilete.

Por isso, esta foi a escola que me fez acessar com mais curiosidade minhas próprias reminiscências, porquanto sou aluna de escola pública – mas não me lembro de ter presenciado tal falta de zelo pelo patrimônio público, no caso dos bens móveis e imóveis da escola, nem tal falta de reconhecimento da hierarquia. Na minha escola, o Colégio Municipal de Belo Horizonte (CMBH), aprendemos que o público pertence a todos, e não a “ninguém”, como alguns parecem entender.

Assim, comparando-a a minha experiência pessoal enquanto aluna e professora, comecei a perguntar-me o que levaria meus alunos da ESX a agirem de maneira displicente e pouco cuidadosa com o ambiente escolar, em especial com seu patrimônio, sendo este o escopo desta pesquisa.

Observando aquelas crianças e adolescentes, alunos da ESX, que são estudantes de escolas públicas como eu fui, mas que sujam, depredam e destroem o patrimônio escolar perguntei-me: como tais crianças enxergam a escola? Elas a considerariam sua e de todos? Ou seria ela do prefeito, do governo?

Compreender tal percepção pode auxiliar no desenvolvimento de uma consciência de conservação que se inicie na escola, mas que se estenda para além dos muros da mesma sendo absorvida por estas crianças, assim como eu absorvi as ideias de conservação do patrimônio aprendidas na minha escola.

Visando tal melhor compreensão, e ainda, o desenvolvimento de ações educativas que fizessem com que meus alunos se apropriassem de suas escolas assim como eu me apropriei da minha, enxergando-a como seu lugar, decidi iniciar esta pesquisa.

2. PROJETO

2.1 Problematização

Qual a relação dos alunos da ESX com o patrimônio escolar? Por que eles sentem-se livres para depredá-lo?

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivos gerais

Objetiva-se através desta pesquisa uma melhor compreensão da forma como os alunos enxergam sua escola: se eles mantêm com ela alguma relação de pertencimento e apropriação.

2.2.2 Objetivos específicos

- Compreender as motivações das ações de depredação/não conservação do patrimônio da escola pelos alunos.
- Partindo de tais motivações, estabelecer ações pedagógicas pertinentes que possibilitem ao aluno que se aproprie de sua escola, reconhecendo-a como seu lugar.
- Auxiliar no desenvolvimento de uma consciência de conservação.

2.3 Justificativa

Estudos referentes ao meio ambiente e patrimônio estão em voga já que há uma cada vez mais premente necessidade de conservação do planeta e da preservação de seus recursos.

Sendo assim, é mais que natural que tal preocupação moderna seja refletida nas práticas escolares gerando temas transversais relacionados à melhor compreensão e cuidado com a natureza. Há, assim, o desenvolvimento de tema que se convencionou chamar de *educação ambiental*.

Mas, que é educação ambiental? Aplica-se ela apenas ao conhecimento e preservação do meio ambiente natural e pouco ou nada modificado?

De acordo com a Lei 9795/99, Art. 1º

Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, *bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade*. Art. 1º, Lei 9795/99. (*Grifo nosso*).

Assim, como bem especificado pela lei, o estudo do meio ambiente perpassa valores sociais além de atitudes e competências que propiciem a conservação do mesmo. E, a lei vai além abrangendo a percepção de meio ambiente para que a mesma envolva o ambiente de trabalho esclarecendo que o entendimento deste conceito é abrangente e múltiplo.

Vê-se, portanto, que tal percepção de ambiente abarcada pela educação ambiental, obviamente, atinge a escola enquanto espaço de estabelecimento das relações humanas e espaço onde se desenvolve parte importante do processo civilizatório, educacional, em nossa sociedade. (DURKHEIM, 2001). É importante que se diga que, por educação entende-se

(...) a acção exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Tem por objecto suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais que lhe exigem a sociedade política no seu conjunto e o meio especial ao qual está particularmente destinada. (Durkheim, 2001, p. 51)

Ora, sabe-se que a cultura, porquanto dinâmica, é transmitida geração após geração e é modificada e transformada continuamente através dos anos e da passagem das gerações. A socialização de tais valores – que abarcam desde crenças às maneiras socialmente aceitáveis de se comportar e proceder, perpassando conhecimentos científicos (quando for o caso), matemáticos e de comunicação – é o que garante, em primeira análise, a manutenção da própria sociedade já que é parte imprescindível na formação da identidade de cada um de seus indivíduos, componentes. (HORTA, pgm1, p. 3.)

Assim, não fica realmente difícil perceber a importância da escola na sociedade brasileira, uma vez que é lá que acontece, modernamente, parte respeitável da educação formal e da aquisição de valores culturais e sociais a que deve ter acesso o cidadão brasileiro, sendo tal educação considerada pela Constituição, direito de todos.

Entretanto, antes que se continue qualquer discussão acerca do valor da escola ou de qualquer outro bem cultural – seja este patrimônio material ou imaterial – é necessário que se discuta o que é uma referência cultural e como ela é estabelecida.

2.3.1 Referências culturais e a identidade

Ao se tratar de referências culturais entra-se no campo da discussão de valores individuais e sociais já que um objeto não se atribui valor por si mesmo – são as pessoas e/ou grupos sociais que o fazem ou devem fazê-lo. Obviamente, passa-se, portanto, a discutir a atribuição de sentidos e valores em si, já que as perguntas que se tornam prementes são: tal objeto/ação/monumento/etc possui valor para quem? É referência cultural para quem?

Primeiramente, para se obter uma resposta, torna-se necessário afirmar: para que algo seja considerado uma referência precisa-se que haja convergência de opiniões com relação à sua importância.

Ou seja, “falar em referências culturais nesse caso significa, pois, dirigir o olhar para representações que configurem uma “identidade” da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos “fazer” e “saberes”, às crenças, hábitos, etc.” (LONDRES, p. 4, 2000). É desta forma que a convergência de opiniões demonstraria a maneira pela qual uma comunidade se identifica – como ela enxerga a si própria.

É facilmente perceptível a relação das pessoas com determinadas edificações, instituições, festividades, etc. Ao passo que um objeto não possui valor intrínseco, mas apenas aquele atribuído a ele por alguém ou por alguma sociedade, a própria sociedade reforça tais valores e os perpetua através de seus instrumentos de propagação cultural.

Obviamente, tais valores atribuídos socialmente apenas serão sustentados se houver a apropriação dos objetos de valor cultural por parte dos constituintes de um agrupamento social como parte da identidade de seu povo, de sua sociedade, de sua localidade, de si mesmos. Segundo Londres (p. 4, 2000)

(...) só se constituem como “referências culturais” quando são consideradas e valorizadas enquanto marcas distintivas por sujeitos definidos. Falar em referências culturais nesse caso significa, pois, dirigir o olhar para representações que configuram uma “identidade” da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos “fazeres” e “saberes”, às crenças, hábitos, etc.

Referências culturais possuem em si, já que esta importância lhes é atribuída pela sociedade, valores agregadores e identitários e, portanto, através destes valores são parte do processo educativo por reforçarem a transmissão dos mesmos. A esta transmissão e perpetuação de valores, fazeres, saberes, crença e à manutenção e perpetuação da identidade de uma sociedade dá-se o nome de educação, que acontece por meio da influência dos mais velhos sobre a geração mais jovem. (DURKHEIM, 2001).

2.3.1.1 A escola enquanto referência cultural

Com relação ao conceito de educação estabelecido por Durkheim em citação anterior, é interessante perceber como cada agrupamento social estabelece suas próprias prioridades e necessidades – em outras palavras, quais valores seriam estes através dos quais manteria sua identidade enquanto grupo.

Assim, a educação atende aos interesses comuns, sociais, de renovação de parâmetros sociais.

Em resumo, longe de a educação ter por objeto único e principal o indivíduo e seus interesses, ela é antes de tudo o meio pelo qual a sociedade renova perpetuamente as condições de sua própria existência. A sociedade só pode viver se dentre seus membros existe uma suficiente homogeneidade. A educação perpetua e reforça essa homogeneidade, fixando desde cedo na alma da criança as semelhanças essenciais que a vida coletiva supõe (DURKHEIM, 1973:52 apud NOÉ, 2000).

Torna-se fácil compreender, portanto, que na sociedade brasileira, o principal veículo através do qual se dá a socialização dos jovens através do processo nomeado por Durkheim como civilizatório é a escola. É ali que, por força da lei ou dos costumes, crianças e adolescentes passam, no mínimo, 4 horas e 20 minutos, cinco dias por semana, durante 200 dias por ano em contato com os conhecimentos e valores convencionados como necessários ao seu pleno desenvolvimento enquanto cidadãos.

É interessante perceber o que fala a legislação com relação aos objetivos da educação no Brasil. A Lei 9.394/96, em seu núcleo comum determina em seus artigos 2º e 3º que a educação no Brasil tem

Art. 2º

(...) por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

(...)

Art. 3º

O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

(...)

II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância;

(...)

XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. (LDB, 1996, p. 8, 9)

Assim, vê-se que a sociedade brasileira, cuja voz foi transformada em lei por seus representantes da Câmara e sancionada por seu então presidente Fernando Henrique Cardoso, espera que seus cidadãos tenham a oportunidade de ter suas habilidades e potenciais plenamente desenvolvidos na escola e que lá ele seja ensinado nos princípios de liberdade. Ainda vê-se que as normas para a boa convivência social e para o respeito à pluralidade de ideias são fortemente frisados na Lei já que o cidadão brasileiro deverá ser ensinado a apreciar a tolerância – não apenas respeitá-la, mas gostar dela.

Vê-se então, claramente, o tom moralizante que deve possuir a educação nas escolas brasileiras segundo a Lei que as rege.

A preparação para o trabalho é outro grande objetivo da educação brasileira já que é frisado de maneira recorrente na LDB, conforme exemplificado no citado artigo 3º inciso XI.

Retomando Durkheim, é importante ressaltar que ele ainda destaca certas diferenças sociais que seriam inerentes ao processo educativo. Ele demonstra tais diferenças quando leva seu leitor a raciocinar através de perguntas, seguidas de afirmações:

Será que não vemos, ainda hoje, a educação variar com as classes sociais ou mesmo com os *habitats*? A da cidade não é a do campo, a do burguês não é a do operário. Alguém dirá que a organização não é moralmente justificável, que apenas podemos ver aí uma sobrevivência destinada a desaparecer? (...) a diversidade moral das profissões não deixaria de arrastar consigo uma grande diversidade pedagógica. (...) a educação, a partir de certa idade, não pode mais continuar a ser a mesma para todas as pessoas às quais ela se destina. (Durkheim, 2001, p. 49, 50).

Percebe-se, então, que Durkheim afirma que, mesmo que certos princípios sejam universalizados através da educação, uma vez que são ministrados a todos os alunos oriundos

de uma sociedade, outros serão particulares de determinada etnia, localidade, classe social. Até mesmo isto é abarcado pela LDB que prega o respeito à liberdade e o apreço à tolerância.

Ainda, sobre a educação esperada para os cidadãos brasileiros, Souza e Souza (2009) afirmam

a educação para a cidadania e para a vida em uma sociedade democrática não pode se limitar ao conhecimento das leis e regras, mas sim a formar pessoas que aprendam a participar da vida coletiva de forma consciente. Portanto é necessário que o trabalho educativo esteja voltado também para a construção de valores educativos e morais, de cidadãos e cidadãs autônomos, que buscam de maneira consciente e virtuosa, a felicidade e o bem-estar pessoal e coletivo.(SOUZA, SOUZA, 2009).

Os mencionados pesquisadores corroboram a visão de que a educação escolar abrange conhecimentos outros que não apenas os científicos.

Vê-se, portanto, a importância da escola em nossa sociedade. Libâneo (2002, p. 7 apud Souza e Souza 2009) ajuda-nos a compreender de forma mais clara que tais valores educativos são esperadamente mediados dentro da escola.

É preciso que a escola contribua para uma nova postura ético-valorativa de recolocar valores humanos fundamentais como a justiça, a solidariedade, a honestidade, o reconhecimento da diversidade e da diferença, o respeito à vida e aos direitos humanos básicos, como suportes de convicções democráticas.

Nota-se, portanto que a escola, enquanto lugar de disseminação e perpetuação de valores sociais, é ferramenta social de grande valor para o cidadão brasileiro, a ser vista como uma imprescindível referência cultural por aqueles que a frequentam e a cercam.

Ao passo que, segundo Durkheim, já mencionado, a educação (por extensão a escola) demonstra a ação das gerações mais velhas sobre as mais novas, ela é ainda palco de intenso embate de forças que gera um processo permanente de construções sociais

(...) a instituição escolar seria resultado de um confronto de interesses: de um lado, uma organização oficial do sistema escolar, que "define conteúdos da tarefa central, atribui funções, organiza, separa e hierarquiza o espaço, a fim de diferenciar trabalhos, definindo idealmente, assim, as relações sociais"; de outro, os sujeitos alunos, professores, funcionários, que criam uma trama-própria de interrelações, fazendo da escola um processo permanente de construção social. Para as autoras, em "cada escola interagem diversos processos sociais: a reprodução das relações sociais, a criação e a transformação de conhecimentos, a conservação ou destruição da memória coletiva, o controle e a apropriação da instituição, a resistência e a luta contra o poder estabelecido". (EZPELETA & ROCKWELL 0986, p.58 apud Dayrell, p. 2001)

Segundo os autores, portanto, na escola podem desenvolver-se papéis opostos: ali tanto podem construir-se ou destruir-se, conservar-se ou esquecer-se. Ela é ainda polissêmica, uma

vez que dadas as variações individuais daqueles que ocorrem a ela, é impossível que se estabeleça um único sentido para defini-la. (DAYRELL, 2001, p. 144)

Dayrell ressaltando o papel da escola relatando uma dimensão maior do que a mera aquisição de conteúdos

Acreditamos que a escola pode e deve ser um espaço de formação ampla do aluno, que aprofunde o seu processo de humanização, aprimorando as dimensões e habilidades que fazem de cada um de nós seres humanos. O acesso ao conhecimento, às relações sociais às experiências culturais diversas podem contribuir assim como suporte no desenvolvimento singular do aluno como sujeito sócio-cultural, e no aprimoramento de sua vida social. (DAYRELL, 2001, p. 160).

Assim, independente de qual das ações opostas – de construção ou desconstrução, de conservação ou esquecimento – será realmente desenvolvida, a importância da escola enquanto palco do processo permanente de construções sociais não pode ser negada.

Ela, então, deve e/ou deveria ser uma importante referência cultural.

2.3.2 É a ESX uma referência cultural para seus alunos?

2.3.2.1 A ESX

A Escola X (ESX) é uma das maiores do município de Congonhas – MG, contando com 458 alunos que frequentam aulas desde a Educação Infantil (EI) até o 9º ano do Ensino Fundamental (EF). Ela ainda conta com salas de Educação para Jovens e Adultos (EJA).

Ela conta hoje com 46 professores, 05 cantineiras, 04 seguranças, 04 faxineiras, além do diretor e de duas vice-diretoras. É importante ressaltar que a mesma é situada em bairro de periferia notadamente reconhecido por seus altos níveis de violência, tráfico de drogas e, conseqüentemente, pelas famílias em situação de risco social.

A escola lida diariamente com problemas como evasão e violência – tanto de alunos com relação a alunos quanto de alunos com relação aos funcionários. Menciono o fato ocorrido no ano de 2011, quando o carro de uma das vice-diretoras foi todo arranhado com xingamentos. E esta não foi a primeira vez – a mesma violência foi sofrida por uma professora no ano de 2010.

Segundo relatos do próprio diretor não foram raras as vezes em que ele teve que contar com os serviços da polícia militar para conter alunos e/ou até mesmo seus pais.

Especificamente, a escola possui 2 turmas de 4º ano e 3 turmas de 5º ano somando um total de 102 alunos. Os alunos destas foram os sujeitos desta pesquisa. Entretanto, devido ao grande absenteísmo comum nestas turmas, no dia da pesquisa 88 alunos, 86,27% do total, estavam presentes.

As turmas serão nomeadas aleatoriamente como 4ºL, 4ºCR, 5ºC, 5ºN e 5ºT. A faixa etária deles vai de 09 a 14 anos.

Estes alunos foram selecionados porque constituem as únicas turmas para as quais ministro aulas na ESX. Desde os primeiros dias de aula os alunos, em especial os do turno da manhã (5^{os} C e N), manifestavam um posicionamento de pouco apego e afeição pela escola. Há problemas sérios com relação à disciplina na escola, de uma maneira geral, e nestas turmas, em especial. As salas estão sempre com muitos papéis no chão e as carteiras estão sempre sujas e rabiscadas. Nas turmas da tarde a questão da conservação das salas é menos problemática.

Entretanto, no horário de recreio os mesmos problemas podem ser observados tanto durante o turno da manhã quanto da tarde: muita comida e restos espalhados pelo chão, pratos e copos largados por toda a área de alimentação. Além disto, não é incomum que as faxineiras relatem sujeiras incomuns no banheiro como fezes e urina no chão ou dentro dos lavabos.

O segundo e terceiro andares, ainda, são ladeados por uma mureta de tijolinhos furados que tem sido constantemente destruída pelos alunos que removem os pedaços e atiram nos telhados dos vizinhos gerando reclamações.

Assim, vê-se que a ESX possui grandes problemas sociais, disciplinares e de aprendizado. As relações inter-pessoais que se desenrolam dentro da escola também são bem difíceis, não sendo a violência – seja verbal ou contra o patrimônio – algo incomum. Há ainda casos até mesmo de violência física – mas estes acontecem entre alunos.

2.3.2.2 A pesquisa

Há vários tipos de pesquisa, cada qual com muitas técnicas. O pesquisador deve selecionar aquele que melhor se enquadra em suas necessidades, julgando vantagens e desvantagens de cada metodologia (DILLINGER, 1995 apud GRUNA, 2005, p. 37).

Nunan (1992, p. 69) afirma que a pesquisa qualitativa é um estudo naturalista em que o ambiente e situações pesquisadas não são manipulados. O pesquisador insere-se no contexto pesquisado e o observa, participando ou não das atividades desenvolvidas, interagindo ou não com os sujeitos durante as mesmas. Utiliza-se de técnicas etnográficas, com entrevistas e diários para registro.

É interessante observar que André (1994, p. 37) menciona que quando aplicada ao contexto escolar, a pesquisa do tipo etnográfica “se volta para experiências e vivências dos indivíduos e grupos que participam e constroem o cotidiano escolar”. Outra característica mencionada pela pesquisadora é o contato prolongado entre pesquisador com a situação e pessoas participantes da pesquisa.

A utilização de diferentes técnicas de coleta de fontes variadas de dados também caracteriza os estudos etnográficos, ainda que o método básico seja a observação participante. O pesquisados em geral conjuga dados de observação e de entrevista com resultados de testes ou com material obtido através de levantamentos, registros documentais, fotografias e produções do próprio grupo pesquisado, o que lhe permite a “descrição densa” da realidade estudada. (ANDRÉ, 1994, p. 39)

Assim, este estudo trata-se de pesquisa etnográfica qualitativa, que incluiu ainda uma sondagem quantitativa sobre as representações da escola, já que além de um diário mantido, relatando as vezes em que a pesquisadora-professora manteve conversas com os alunos com relação às suas percepções e sua relação com a escola, conta ainda com uma produção dos alunos de desenho que, posteriormente foi analisado, buscando compreender quais seriam as representações das referências culturais dos alunos e se, dentre elas, encontrava-se a escola.

2.3.2.3 A análise

Para compreender melhor como os mencionados alunos viam a escola e se ela estava entre os referenciais culturais e/ou recreativos para eles iniciei com eles no dia 26/03 uma entrevista sob forma de conversa.

Para iniciar a conversa com os alunos escolhi duas perguntas: O que é a escola? De quem é a escola?

Lancei as perguntas em todas as salas e deixei que eles conversassem entre si e comigo expressando-se livremente. Delimitei o tempo das discussões em 15 min. Após cada aula anotei os comentários principais e minhas percepções com relação ao que eles afirmaram.

Fiz as seguintes observações:

5°N: Responde que a escola é do prefeito e do diretor. Foram perguntados sobre se não achavam que ela era um pouco deles. Eles disseram que talvez um pouco, mas que eles não gostavam dela, que era suja e com as paredes descascando. Que eles apenas vinham porque eram obrigados.

5°C: Responde que a escola é dos professores. Foram perguntados sobre se não achavam que ela era um pouco deles. Eles disseram que não, porque não podiam sair e nem entrar quando quisessem. A questão da obrigatoriedade também foi levantada.

4°CR: Pouco responsivo. Disseram não saber de quem é a escola. Não consegui manter a discussão pelos estimados 15 minutos – durou muito menos por falta de participação.

4°L: A princípio disseram que é do prefeito, mas discutiram entre si e disseram que a escola é deles também e que é de todo mundo. Que todos pagam por ela. Mas que ela podia ser mais bonita.

5°T: Respondem que a escola é de todos após pequena discussão entre eles. Mencionam os impostos usados para sustentar a escola. Quando perguntados sobre quem pagavam impostos disseram que eram os pais deles e todo mundo. Quando perguntados se eles pagavam impostos também, após pequena discussão entre si, disseram que sim, que sobre todos os produtos é pago imposto.

No dia 2/4 propus uma atividade de desenho, onde eles teriam a liberdade de retratar qualquer ponto/local da cidade de Congonhas que fosse representativo para eles.

A orientação que receberam foi a seguinte: "Façam um desenho do lugar que vocês mais gostam da cidade, um lugar onde se sintam bem, para onde vocês gostem de ir. O primeiro lugar que vocês pensam quando lembra de Congonhas. Pode ser qualquer lugar: casa, escola, parque, praça – vocês decidem qual será importante. O importante é que seja o seu lugar." As palavras da orientação foram escolhidas de forma a que eles pudessem perceber que o local desenhado seria representativo de sua identidade e de seus valores, sendo, portanto, uma referência cultural. (LONDRES, 2000, p. 4).

Ainda foi dito a eles que deveriam colocar atrás das folhas seus nomes, séries, o nome do local escolhido e porque o haviam escolhido.

Foram recebidos 87 desenhos, já que uma das folhas foi entregue em branco, o que representa 1,13% do total.

Tabulação	Totais	Porcentagem
Alunos presentes	88	86,2745098
Alunos na lista	102	100%
Templos religiosos	31	35,22727273
Parque da Cachoeira	18	20,45454545
Casa de parentes e/ou amigos	8	9,090909091
Escola	6	6,818181818
Campo de futebol	5	5,681818182
Hospital	4	4,545454545
Lanchonete	3	3,409090909
Parque de diversão	3	3,409090909
Rodoviária (playground)	2	2,272727273
Alto do campo	1	1,136363636
Flor	1	1,136363636
Serra de Ouro Branco	1	1,136363636
Genesis (academia de natação)	1	1,136363636
Belo Vale	1	1,136363636
Delegacia	1	1,136363636
Hotel	1	1,136363636
Em branco	1	1,136363636

Tabela 1: Alunos e seus desenhos.

A primeira observação que pode ser feita é a de que nem todos os alunos seguiram a orientação de maneira apropriada. Um dos alunos representou uma flor, fugindo completamente do assunto proposto. Quando perguntado de porque havia desenhado a flor e não um lugar, disse que ela era bonita. Este aluno tem sérios problemas de aprendizado, já tendo sido remanejado de sala devido ao seu mau-comportamento. (1,13% do total).

Dois outros alunos representaram lugares fora de Congonhas, fugindo parcialmente ao tema: Serra de Ouro Branco (parque na cidade próxima de Ouro Branco) e Belo Vale (cidade próxima a Congonhas). Disseram, como justificativa, que não há lugar em Congonhas em que sintam bem. Estes representam 2,26%.

Seis alunos representaram desenhos que podem ser reunidos em um grupo denominado “Serviços”. Foram representados por estes alunos o hotel, o hospital e a delegacia. Eles representaram 6,78% do total.

Foi interessante perceber que os quatro alunos que desenharam o hospital possuem ou possuíram entes queridos internados lá – existe um único hospital público na cidade. Quando perguntados se eles queriam dizer que o hospital era o lugar onde se sentiam bem, eles disseram que não, mas que ali era o lugar onde os seus haviam sido tratados e haviam se recuperado. Eles foram perguntados separadamente e deram respostas muito parecidas – apenas o ente querido variava: para um foi o avô, para outro a avó e para outros dois foi a mãe.

Quanto à delegacia – o aluno que a desenhou disse tê-lo feito por considerar importante tê-la por perto. É interessante observar que o bairro onde fica a escola é reconhecidamente o mais violento da cidade, com altos índices de tráfico de drogas e violência.

É interessante ainda dizer que os serviços foram todos desenhados na mesma sala, o 5°C.

Outro dado importante é que em 4 desenhos, mesmo que os alunos representassem lugares diversos, como as casas de parentes ou amigos, foram desenhados homens armados no telhado. Mais uma vez, tal fato corrobora as altas taxas de criminalidade nos arredores da escola. Tal fato aconteceu em 4,52% do total de desenhos, em salas diversas.

Destacou-se o fato de que o local de maior referência para os alunos, com o qual a maioria deles se identifica é um templo religioso. Destacaram-se os templos católicos (Igreja do Rosário, Matriz, etc.) e neo-pentecostais (Assembléia de Deus e algumas de suas subdivisões como Ressurreição em Cristo, etc). 35,2% dos alunos escolheram tais locais. Em especial os auto-denominados evangélicos relataram atividades culturais como dança e canto, além do aprendizado de um instrumento musical como sendo os motivos pelos quais gostam de frequentar seus templos religiosos.

Esta alta proporção de alunos que desenharam templos religiosos corrobora a alta tradição religiosa de Congonhas – percebe-se isto por compreender-se, por exemplo, que a maior festividade do local, durante a qual até mesmo as escolas são fechadas devido ao absenteísmo total, é religioso: o Jubileu de Bom Jesus que ocorre na Igreja do Bom Jesus do Matozinhos. Durante esta festividade, os arredores do templo recebem milhares de visitantes. Outro dado interessante que demonstra bem o quanto a religiosidade está embrenhada nos hábitos da cidade, em todas as escolas em que trabalho existe a “reza” no começo da aula conduzido pelas diretoras. Todos os alunos são colocados em fila, separados por sala, e ali são admoestados a rezar o “Pai Nosso” e a “Ave Maria”. Quanto aos que não são católicos, pede-se que rezem, pelo menos a primeira ou que mantenham o silêncio enquanto os demais o fazem. Na ESX, após a reza, os alunos ainda cantam músicas religiosas infantis e fazem as coreografias. Em contraste, o Hino Nacional e o Hino de Congonhas são executados apenas uma vez por mês.

Em segundo lugar, classificaram o Parque da Cachoeira, centro recreativo que possui piscinas e lagos. Este é um local de acesso fácil, há serviços de ônibus coletivo, e de baixo custo: as entradas custam menos de R\$5/adulto e crianças têm por várias vezes a entrada franca.

Ao enumerar as razões por escolherem o tal parque, mencionaram que gostam de passear com os familiares e de nadar.

A escola aparece em apenas 6,81% dos locais escolhidos, ou seja, 6 desenhos, configurando a 4ª posição.

Dos alunos que a desenharam, 3 justificaram dizendo que a escola é boa para eles e/ou importante. Um deles disse que ali não há seus pais e ele fica em paz. Outro ainda disse que a escola serve para seu objetivo de estudar medicina. Finalmente, um disse simplesmente que gosta dela.

Interessante observar que este último não desenhou a fachada da escola como os outros cinco. Ele fez alunos sentados em fila, cada qual em sua carteira, com cadernos escritos sobre a mesa.

Neste contexto, mesmo que a escola ofereça festividades como a festa junina aberta para a comunidade, ainda assim, ela não aparece como um local de relevante importância para 93% dos alunos participantes. É interessante notar que a percepção que os alunos possuem destas atividades organizadas pela escola é de que ela as faz para angariar dinheiro para si e para os professores.

Mais, no dia 16/04 observei os dois horários de recreio, tanto no matutino quanto no vespertino.

Muita correria e gritaria. As pessoas têm dificuldade de controlar os alunos e fazê-los se comportar. Há muito desperdício de comida: pratos cheios são largados dentro de uma grande vasilha que recebe todos os pratos sujos, depositados pelos próprios alunos. Há lixo ensacado perto da fila para receber a merenda. Ao final, as mesas estão muito sujas e há frutas jogadas. Uma caneca de iogurte foi virada cheia na escada por um dos alunos. (DIÁRIO DE CAMPO)

A tarde não foi diferente.

Hoje fiquei na escola até mais tarde para observar o recreio do turno vespertino. Há dois recreios: o primeiro é para os alunos maiores. O segundo para os menores, incluindo os 4ºs e 5º ano pesquisados. Quando os alunos menores chegam para merendar, as mesas já estão sujas por terem sido utilizadas pelos meninos do primeiro recreio. Não há tempo para que as faxineiras executem a limpeza apropriadamente. O chão também fica sujo. Há pratos virados na escada assim como iogurte. Conteí 4 peras parcialmente comidas e lançadas ao chão. (DIÁRIO DE CAMPO)

Enfim, a maior parte dos alunos de 4º e 5º ano não se apropriaram da escola. Sendo assim, não é algo realmente estranho que eles não a preservem, não zelem por ela e nem relacionem-na como seu lugar de importância.

2.3.3 Consciência de preservação e memória: uma ressemantização da escola

Chega-se, portanto, ao ponto onde se devem discutir maneiras pelas quais se podem levar os alunos a uma apropriação da escola onde estudam visando que a mesma, enquanto patrimônio, represente para eles uma conexão com a cultura, com o aprender e com os valores necessários para o ingresso eficaz na sociedade adulta.

A educação ambiental pode ser um instrumento eficaz para esta aproximação. É interessante perceber que a Lei 9795/99, já mencionada, esclarece que a questão ambiental deve ser tratada por todas as matérias no ambiente escolar de forma que tal questão está vinculada à escola e às práticas pedagógicas.

É importante ressaltar que é objetivo da Educação Patrimonial enquanto disciplina, “(...) provocar **situações de aprendizado** sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no aluno o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva” (HORTA, c. 2008).

Retomando os conceitos de construção de “valores sociais” e “sadia qualidade de vida” é importante que se observe, portanto, que a preservação ambiental perpassará todos os ambientes – de trabalho, de lazer, culturais – inclusive as próprias dependências da escola.

Num primeiro momento, a preservação do espaço físico mostra-se como importante. Os próprios alunos, como relatado, depredam e destroem a escola arrancando seus tijolinhos e o reboco das salas.

Segundo Horta, Grumberg e Monteiro (1999), para que se preserve é preciso que se conheça. Assim, propor-se-ão atividades que propiciem a aproximação dos alunos, de sua história, da história de sua família com a escola.

O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de *preservação sustentável* desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. (*grifo nosso*. HORTA, GRUMBERG E MONTEIRO, 1999).

Para que tal ocorra, é preciso que haja uma ressignificação do lugar, da escola buscando, em um primeiro momento manter em mente e trazer para a mente dos alunos a “dimensão simbólica daquele espaço para seus habitantes, necessariamente plural e diversificada”. (LONDRES, 2000, p. 4).

Londres ainda propõe que quando é necessário que haja uma modificação do uso do espaço, deve haver uma

reorientação do uso desse solo. Trata-se de levar em conta um ambiente que não se constitui apenas de natureza (...) e de um conjunto de construções, mas sobretudo de um processo cultural – ou seja, a maneira como

determinados sujeitos ocupam o solo, utilizam e valorizam os recursos existentes, como constroem sua história, como produzem edificações e objetos, conhecimentos, usos e costumes. (LONDRES, 2000, p. 4)

Portanto, no projeto pedagógico que se propará a seguir buscar-se-á uma ressemantização dos elementos da escola, e da escola em si utilizando como chave a memória – o estabelecimento de uma relação afetiva através de lembranças, senão dos próprios alunos, de seus familiares e amigos tornando a escola, em si, particularmente significativa.

O aluno, ao estabelecer relações da escola com a história de sua família, de seus amigos e vizinhos estabelecerá com ela uma maior relação de afinidade, de apropriação já que a memória é parte imprescindível do Eu. Através da memória afetiva dos seus o aluno poderá lançar novos olhares sobre si mesmo, sua realidade, sua família e, também, sobre a forma como encara sua escola.

Toda a memória humana é, assim, memória de alguém. De uma pessoa determinada e dotada de um sentimento especial. Sentimento definido por um nome próprio. Mas também pelo limite entre a pessoa e o mundo exterior. Para cada pessoa, sua memória tem duas faces. Ela se refere ao Eu, mas, também, ao olhar que a pessoa tem sobre si mesma. Por isso, ninguém pode ser privado de memória sem ser despossuído de identidade. Sem memória, uma pessoa não se reconhece. Ela se despedaça... Deixa de existir. (HORTA, PRIORI, 2005, p.4).

E é assim, estabelecendo conexões da escola com a memória, primeiro, de seus antepassados, e, aos poucos, com suas próprias memórias poder-se-ia tornar a ESX um local de memória que, como citado por Horta (2005, p. 37), tornar-se-ia um local onde os próprios alunos se reconhecessem.

O historiador Pierre Nora definiu como “lugares de memória” locais materiais ou imateriais nos quais se encarnam ou cristalizam as memórias de uma nação, e onde se cruzam memórias pessoais, familiares e de grupo: monumentos, uma igreja, um sabor, uma bandeira, uma árvore centenária podem constituir-se em “lugares de memória”, como espelhos nos quais, simbolicamente, um grupo social ou um povo se “reconhece” e se “identifica”, mesmo que de maneira fragmentada.

É interessante observar a maneira pela qual o conhecimento dos motivos que levam à depredação do espaço escolar pelos alunos pode ser usado como uma chave para um melhor conhecimento dos próprios alunos. “Os lugares, desse ponto de vista, podem ser vistos como um intermédio entre o Mundo e o indivíduo” (SANTOS, 2006, p. 251). Deste melhor conhecimento dos alunos e de sua maneira própria de encarar o mundo e, por conseguinte, o seu lugar, podem-se desenvolver atividades pedagógicas mais efetivas visando a reconstrução de valores através da interação. (SANTOS, 2006)

Assim, parte-se para o produto pedagógico em si.

3. PRODUTO PEDAGÓGICO: “CADERNO-MEMÓRIA: MINHA ESCOLA E EU”

Para a elaboração desta proposta de produto pedagógico, primeiro, pensei em algo que os alunos pudessem construir, montar, com participações tanto de seus colegas, quanto com partes elaboradas por eles mesmos.

Assim, imaginei um caderno-memória: com esta designação porque por meio da construção dele o aluno poderá acessar tanto memórias de seus entes queridos quanto as suas próprias de forma a aproximar-se a apropriar-se da escola onde estuda.

Este caderno será elaborado pelo aluno sob a orientação do professor.

Nele, o aluno reconstruirá a história da escola, dando foco a como sua própria história se entrelaça com a da escola.

Para isto, usar-se-ão pesquisas, desenhos, fotos e produção de texto – além de quaisquer outras atividades que o professor imaginar ou julgar que sejam pertinentes. Buscar-se-á a observação, o registro e a exploração para que, enfim, aconteça a apropriação. (GRUMBERG, 2007, p. 6)

Propõe-se que o aluno, para que possa apropriar-se de sua escola, deva conhecê-la. Mas não somente isto: deve senti-la como algo referente a si mesmo, que faz parte de sua história e da história dos seus. Ele poderá, então, fazê-la um lugar de memória onde ele possa reconhecer-se e aos seus – torná-la sua. (LONDRES, 2000)

Para tal, algumas atividades serão desenvolvidas sendo que o professor deverá selecionar por qual delas começará, sendo a numeração meramente organizatória e não símbolo de sequência a ser obrigatoriamente seguida.

Aconselha-se, apenas, que a capa seja feita por último, como conclusão da atividade.

3.1 Material

Para executar esta atividade, o professor precisará de um caderno tamanho grande com cerca de 30 folhas por aluno, lápis de escrever e borracha.

Além disto, serão necessárias folhas de papel sem pauta, material para desenho (lápis de cor, canetinhas, régua, etc) e/ou quaisquer materiais para enfeite e decoração que o professor e seus alunos desejarem ou tiverem disponível.

3.2 Duração

Cada uma das cinco atividades propostas a seguir tem a duração estimada de 1 aula (50 min.). O espaçamento entre elas deve ser acordado entre professor e alunos porque algumas delas demandarão esforço em casa por parte dos educandos, como, por exemplo, as entrevistas.

Sugere-se que todas as atividades não tenham tempo conjunto distribuído por um período superior a 15 dias para que os alunos sintam-se produzindo algo e para que as discussões não sejam esquecidas entre a primeira e a última aula.

3.3 Procedimentos

A) Atividade 1 – Entrevista: os alunos elaborarão, com ajuda e sugestões do professor, perguntas de uma entrevista que será feita por eles com parentes, vizinhos, amigos – mais velhos que eles – procurando descobrir quais estudaram na mesma escola onde agora estudam. Ainda, buscarão ter acesso às memórias de tais pessoas referentes ao período em que frequentaram a escola. Ex.: Gostavam de lá? De quê brincavam? Como era a sua sala? Quem era a professora? Como era a merenda?

Os alunos tomarão nota das respostas. Mostre como eles podem fazê-lo de maneira simplificada.

Na aula combinada para que todos tragam suas entrevistas, os alunos selecionarão as melhores respostas – segundo sua própria opinião – para transcrevê-las no seu caderno-memória ilustrando cada uma delas.

B) Atividade 2 - Auto-entrevista: Poderá ser feita como uma discussão em grupo ao longo da qual todos poderão expressar e compartilhar sentimentos e lembranças. O aluno responderá às mesmas perguntas que fez aos mais velhos. Será incentivado a expor lembranças relativas à escola e a falar sobre ela. Quando começou a estudar lá? Algo mudou? Etc.

C) Atividade 3 - Pesquisa: Os alunos pesquisarão, em material previamente coletado pelo professor, detalhes sobre a história da escola. Buscarão detalhes como sua data de fundação, como foi feita a escolha de seu nome e quem foi a pessoa homenageada – o que ela representou para a história do local.

Após coletar as informações, os alunos escreverão um pequeno texto a ser o capítulo inicial do caderno. Como ilustração poderão desenhar a pessoa homenageada.

D) Atividade 4 - Desenhos e/ou fotos: Os alunos serão levados a observar a escola: sua fachada, suas dependências, etc. Depois, através de desenhos e/ou fotos os alunos reconstruirão as imagens da escola de memória. Eles compararão os desenhos feitos baseados em suas lembranças e verão quais detalhes foram mais lembrados, quais cada um deles julgou mais importante. Tais desenhos comporão páginas do caderno.

E) Atividade 5 - Desenhos e/ou fotos: Os alunos farão desenhos do lugar que mais gostam de estar na escola e do que mais gostam de fazer neste lugar. Novamente, os desenhos também farão parte do caderno-memória. Poderão discutir em grupo: quais desenharam o mesmo lugar? Quais desenharam as mesmas ações? Quais desenharam lugares e ações diferentes? Quais os motivos?

F) Atividade 6 - Ações de amor pela minha escola: Os alunos elaborarão uma lista de ações que julgam serem importantes serem levadas a termo para que a escola e seu patrimônio

sejam preservados. Esta lista será elaborada em conjunto, em discussões com a turma. Nela todos poderão opinar e construir em conjunto ações factíveis que todos se comprometerão a por em prática na escola.

G) Conclusão das atividades: Seleção de um dos desenhos da atividade 4 para ser a capa do caderno. Eles devem neste último passo montar o caderno em si, com todas as suas partes e registros coletados e confeccionados ao longo de todo o processo de apropriação da escola.

Troca de cadernos: será estabelecido um cronograma de troca de cadernos ao longo do qual os alunos levarão o material construído pelos colegas, um por vez, para mostrar aos seus pais e amigos tendo a oportunidade de verbalizar suas impressões ao longo da elaboração do material.

4 REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli E. D. A. *Metodologia da pesquisa educacional*. Ivani Fazenda (org). 3ª ed. São Paulo. Cortez. 1994.
- ASCENÇÃO, Valéria Roque de Oliveira. *Educação ambiental: uma conquista histórica*. IN: PUC MINAS. Educação, meio ambiente e cidadania. CEFOR. Belo Horizonte. 2007.
- BRASIL. Congresso Nacional. Lei 9795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental. Brasília.
- BRASIL. Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases. Lei 9394. Dispões sobre a educação. Brasília.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Memória patrimônio e identidade*. Boletim 04. 2005.
- DAYRELL, Juarez. *A escola como espaço sócio-cultural*. In: DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte. Ed. da UFMG. 2001. 2ª reimpressão.
- DAYRELL, Juarez. *A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128. 2007. Consultado em 05/07/2012. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.
- DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. Ed. Edições 70. Lisboa. 2001.
- GRUMBERG, Evelina. *Manual de atividades práticas de Educação Patrimonial*. Brasília, DF. IPHAN. 2007.
- GRUNA, Luciana Maria de Souza. *Possíveis influências das culturas de ensino e aprendizagem nas práticas de professores de Língua Inglesa*. Dissertação de mestrado. Betim – MG. UNINCOR. 2005.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. *Os lugares da memória*. IN: BRASIL. Ministério da Educação. *Memória patrimônio e identidade*. Boletim 04. 2005.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de Educação Patrimonial*. Brasília. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Museu Imperial. 1999.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; PRIORI, Mary Del. *Proposta pedagógica: Memória, patrimônio e identidade*. IN: BRASIL. Ministério da Educação. *Memória patrimônio e identidade*. Boletim 04. 2005.
- HORTA, Maria de Lourdes. *Educação patrimonial: pgm1 – o que é educação patrimonial*. C. 2008.
- LONDRES, Cecília. *Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio*. In: BRASIL. MinC IPHAN. *Inventário nacional de referências culturais, manual de aplicação*. Brasília. MinC IPHAN, 2000.
- MOTTA, Miriam Hermeto de Sá. *Paisagem e patrimônio cultural urbanos: o direito à cidade*. c. 2011.

NOÉ, Alberto. *A relação educação e sociedade: Os Fatores Sociais que Intervêm no Processo Educativo*. Campinas. Revista Avaliação. Universidade de Campinas, vol. 5 n° 3 (17). 2000.

NUNAN, D. *Research methods in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press. 1992.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo. Editora da USP. 4ª ed. 2006.

SILVEIRA, José Henrique Porto. *Políticas ambientais: ações estatais e civis*. IN: PUC MINAS. Educação, meio ambiente e cidadania. CEFOR. Belo Horizonte. 2007.

SOUZA, Juliana Campos Sabino; SOUZA, Edvaldo Alves de. *A importância da escola na formação do cidadão: Algumas Reflexões para o Educador Matemático*. 2009. Disponível em <http://www.partes.com.br/educacao/educadormatematico.asp>. Consultado em 07/07/2012.

5 ANEXOS

5.1 Diário de Campo

6/2 Início das aulas.

13/2 Primeira vez este ano em que observei o recreio na ESX (matutino). Tive péssimas impressões: os alunos empurram uns aos outros na fila e os maiores retiram os menores passando na frente deles. Há muito desperdício de comida. Os alunos dispensam os pratos sujos em uma mesa no canto do refeitório. É nojento. As faxineiras tentam controlar as crianças sem muito êxito. Quando perguntei à vice-diretora sobre o recreio, ela disse que os meninos eram sempre assim e que não havia jeito de fazê-los comportarem-se melhor.

20/2 Inglês (em especial na sala 5N é muito difícil ministrar o conteúdo, eles são muito agitados e não respeitam hierarquia. Tive que solicitar a presença do diretor em sala.)

27/2 Inglês

5/3 Inglês.

Hoje os alunos do 4L estavam conversando sobre as condições da escola quando entrei em sala. Eles reclamavam que ela estava mal-conservada e que havia luzes queimadas.

12/3 Inglês

19/3 Inglês (em especial na sala 5N é muito difícil ministrar o conteúdo, eles são muito agitados e não respeitam hierarquia. Tive que solicitar a presença do diretor em sala.)

26/3 15min. O que é a escola? A quem ela pertence?

5°N: Responde que a escola é do prefeito e do diretor. Foram perguntados sobre se não achavam que ela era um pouco deles. Eles disseram que talvez um pouco, mas que eles não gostavam dela, que era suja e com as paredes descascando. Que eles apenas vinham porque eram obrigados.

5°C: Responde que a escola é dos professores. Foram perguntados sobre se não achavam que ela era um pouco deles. Eles disseram que não porque não podiam sair e nem entrar quando quisessem. A questão da obrigatoriedade também foi levantada.

4°CR: Pouco responsivo. Disseram não saber de quem é a escola. Não consegui manter a discussão pelos estimados 15 minutos – durou muito menos por falta de participação.

4°L: A princípio disseram que é do prefeito, mas discutiram entre si e disseram que a escola é deles também e que é de todo mundo. Que todos pagam por ela. Mas que ela podia ser mais bonita.

5°T: Respondem que a escola é de todos após pequena discussão entre eles. Mencionam os impostos usados para sustentar a escola. Quando perguntados sobre quem pagavam impostos disseram que eram os pais deles e todo mundo. Quando perguntados se eles pagavam

impostos também após pequena discussão entre si disseram que sim, que sobre todos os produtos é pago imposto.

2/4 Desenho (matutino e vespertino)

Orientação: Façam um desenho do lugar que vocês mais gostam da cidade, um lugar onde se sintam bem, para onde vocês gostem de ir. Um lugar que vocês freqüentem e que lhe traga boas recordações na cidade. O primeiro lugar que vocês pensam quando lembram de Congonhas.

Nos 5N e C eu mesma escrevi atrás dos desenhos o nome do lugar que eles haviam desenhado e o motivo porque há um grande número de alunos que demonstraram dificuldade em escrever o solicitado.

5N: mesmo orientados a que não olhassem o desenho dos outros, os alunos levantaram-se dos lugares, ostentadamente olhavam os desenhos dos outros e tentavam perguntar o que os colegas estavam desenhando. Tive que ralar com eles para que eles parassem e para que se sentassem e fizessem individualmente.

9/4 Perguntas para discussão e raciocínio: Se a escola não lhes pertence, qual o objetivo de atividades como a Festa Junina, e outras festividades organizadas por ela?

Os alunos responderam que o objetivo das festas é angariar dinheiro para a escola e para os professores em todas as salas exceto no 4L. à medida em que a discussão avançava, começaram a surgir opiniões dizendo que, talvez, a escola fizesse as festas para eles.

16/4

Observei o recreio do turno matutino. Muita correria e gritaria. As pessoas têm dificuldade de controlar os alunos e fazê-los se comportar. Há muito desperdício de comida: pratos cheios são largados dentro de uma grande vasilha que recebe todos os pratos sujos, depositados pelos próprios alunos. Há lixo ensacado perto da fila para receber a merenda. Ao final, as mesas estão muito sujas e há frutas jogadas. Uma caneca de iogurte foi virada cheia na escada por um dos alunos.

Hoje fiquei na escola até mais tarde para observar o recreio do turno vespertino. Há dois recreios: o primeiro é para os alunos maiores. O segundo para os menores. Quando os alunos menores chegam para merendar, as mesas já estão sujas por terem sido utilizadas pelos meninos do primeiro recreio. Não há tempo para que as faxineiras executem a limpeza apropriadamente. O chão também fica sujo. Há pratos virados na escada assim como iogurte. Conte 4 peras parcialmente comidas e lançadas ao chão. O lixo e os pratos ficam reunidos sobre uma bancada. Enquanto tirava algumas fotos, conversei com alguns adolescentes que lanchavam. Eles se interessaram em saber o que eu estava fazendo e quando conversei com eles sobre todo o lixo e restos de merenda espalhados, ficaram constrangidos e pediram que eu não tirasse fotos. Tirei assim mesmo e perguntei-lhes se eles se sentiam envergonhados não era melhor na jogar coisas pelo chão. Eles disseram que sim e começaram a juntar alguns

papeis e joga-los no lixo no claro intuito de agradar e/ou deixar claro que eles não participavam da desordem.

26/4

Observei hoje o recreio do turno da manhã em outra escola de Congonhas (ESII), que possui educação infantil e Ensino Fundamental I. Ali a diferença é muito grande da ESX. Há sujeira, claro, entretanto, há grãos e farelos que caíram dos pratos – nada mais. A área de dispensa dos pratos sujos é longe da área de alimentação dos alunos e fora da visão dos que estão comendo.

30/4

Observei hoje o recreio do turno da manhã na ESII. Hoje, todos os alunos foram reunidos no pátio antes da merenda porque as cantineiras haviam relatado ter encontrado algumas frutas pouco mordidas lançadas atrás da cantina. A pedagoga da escola conversou longamente com as crianças explicando a importância da alimentação e lembrando-as que poucas delas possuíam frutas e alimentos com aquele potencial nutricional em casa (a escola é também em uma área pobre). Ainda disse que se alguém não quisesse comer uma coisa ou outra, não havia problema, mas que havia grande problema se os alimentos eram desperdiçados. As professoras foram também instadas a tratar do assunto com seus alunos. Na semana seguinte, quando retornei á escola, perguntei às cantineiras e elas disseram que o problema havia sido resolvido. Jamais vi tal tipo de conversa acontecer na ESX.

7/5 Inglês

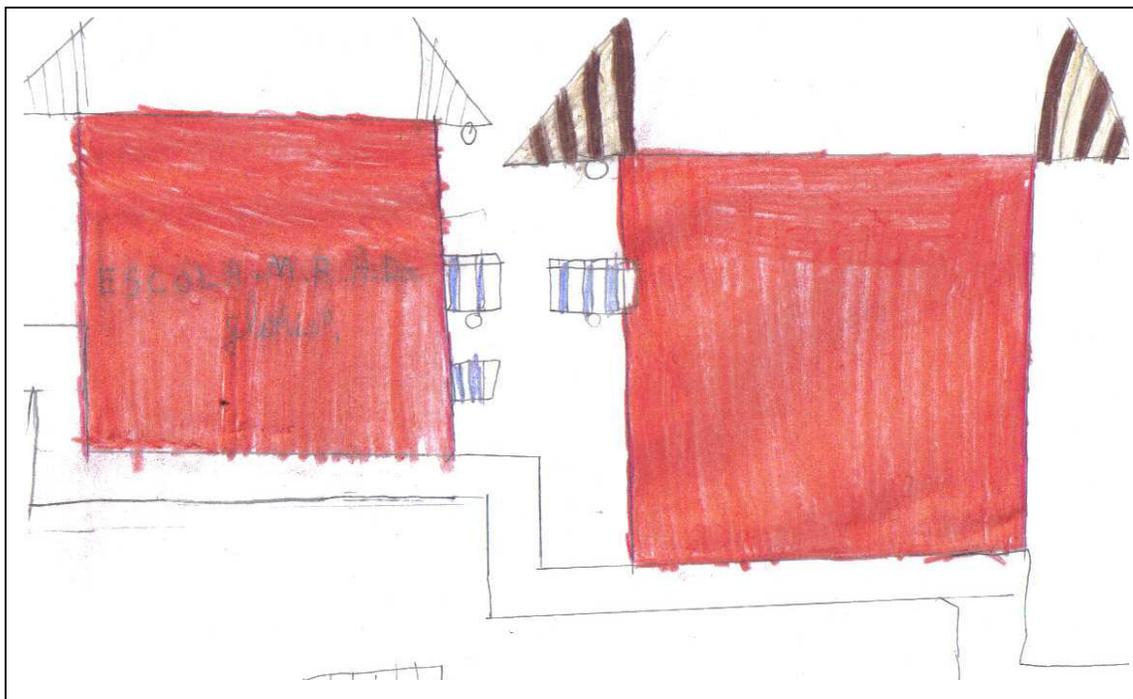
14/5 Inglês

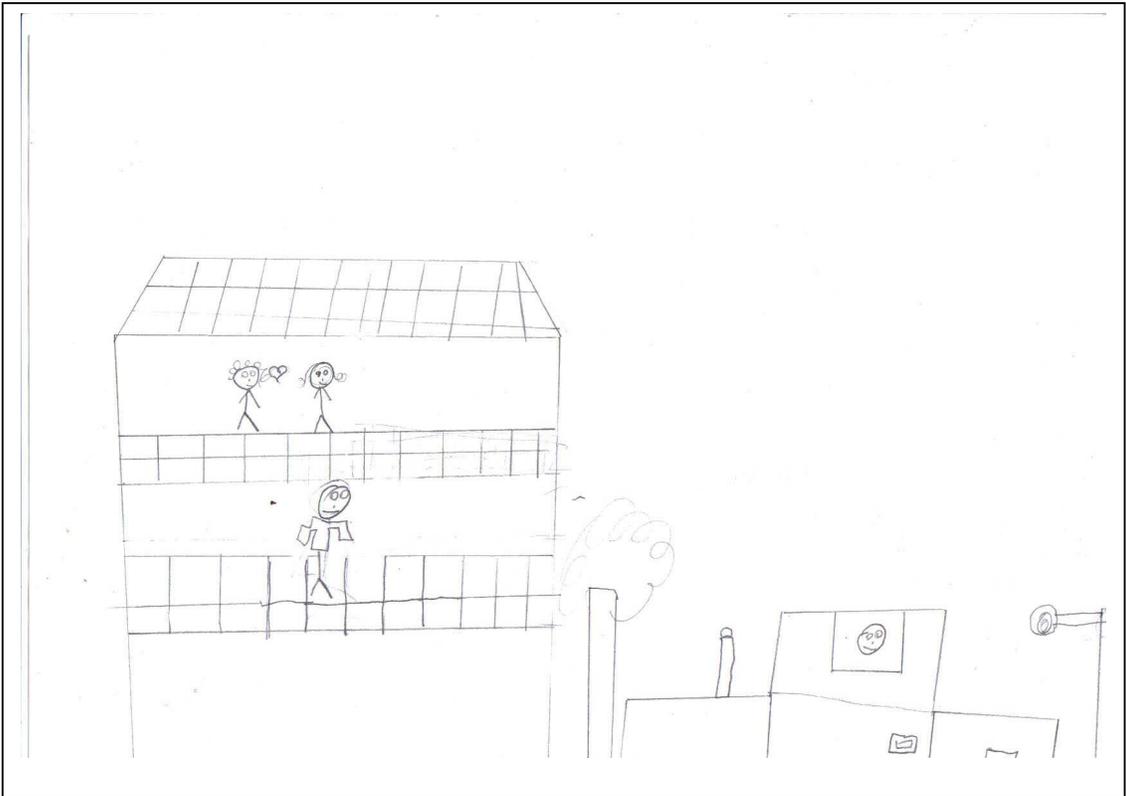
21/5 Hoje tive problemas sérios de disciplina no 5N. Foi impossível ministrar a aula e novamente solicitei a presença do diretor que não pôde vir em meu horário de aula. Fiz um registro em vídeo do comportamento dos alunos para mostrar aos pais. Quando saí a professora responsável pela turma também não conseguiu ministrar sua aula e chamou o diretor, que desta vez, pôde ir. Depois da aula ele solicitou para mim os nomes dos alunos que haviam atrapalhado a aula – dei-lhe três nomes. Conversei apenas com uma das mães – com as outras o diretor mesmo conversou. A mãe ficou chocada com a filmagem.

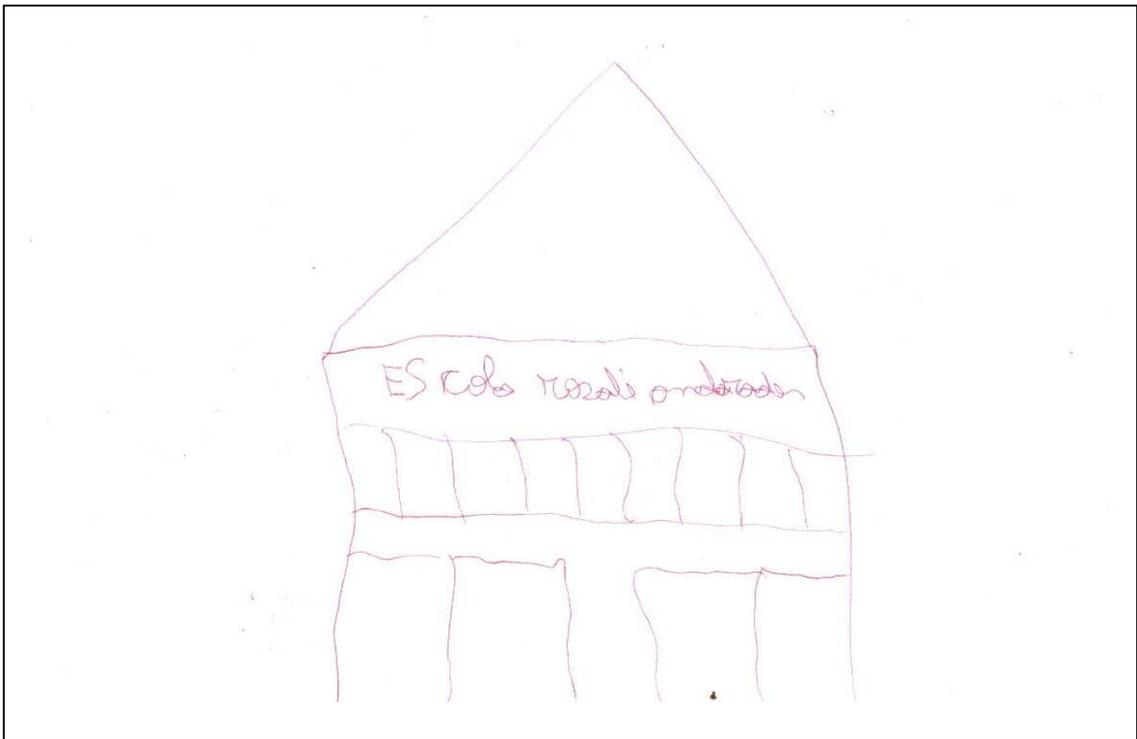
28/5 Alunos arrancavam pedaços do reboco da escola no 5N. Estavam muito agitados e jogando coisas no chão que estava cheio de papeis de bala. Alunos lançam papeis uns nos outros. Quando chamados a atenção, disseram que não precisavam se comportar já que a escola era toda destruída. Reclamaram das luzes queimadas e do reboco caindo. Fiz com que eles se sentassem e tentei iniciar com eles uma discussão sobre as condições da escola. Foi muito difícil porque eles não aguardavam a vez para falar e queriam falar todos ao mesmo tempo. Demorei bastante tempo para mostrar a eles como levantar a mão e ouvir o outro. A aula acabou antes que a discussão pudesse ser levada a termo.

5.2 Amostra de desenhos dos alunos

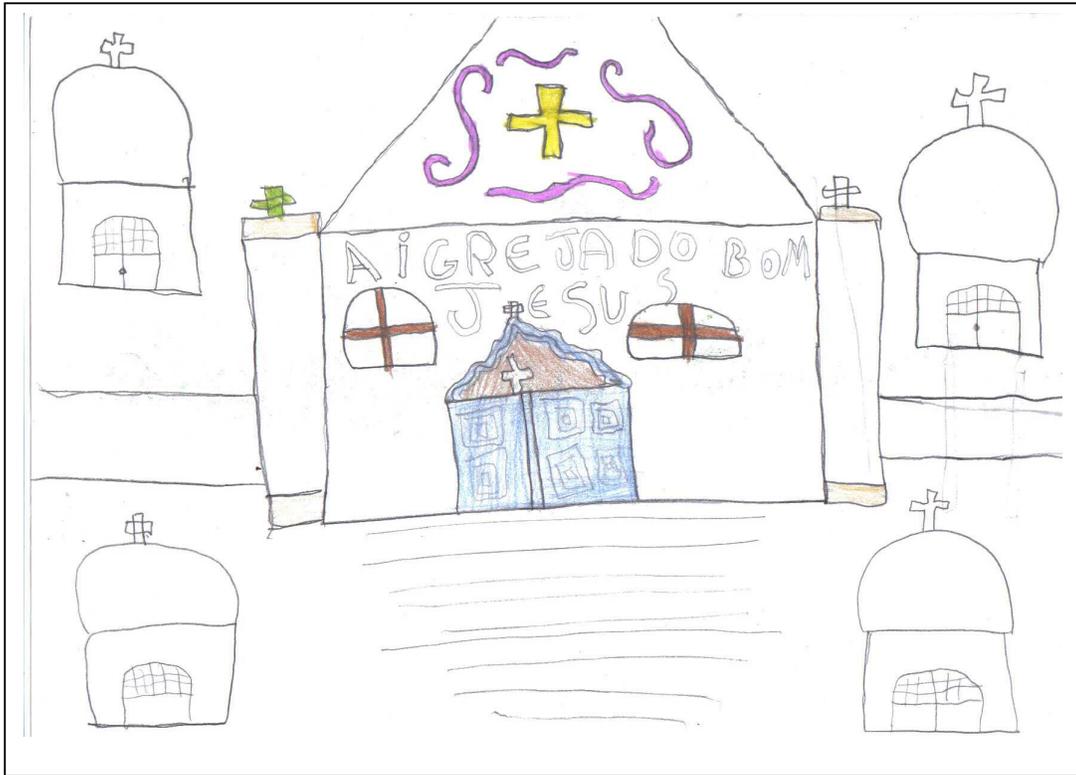
5.2.1 A escola



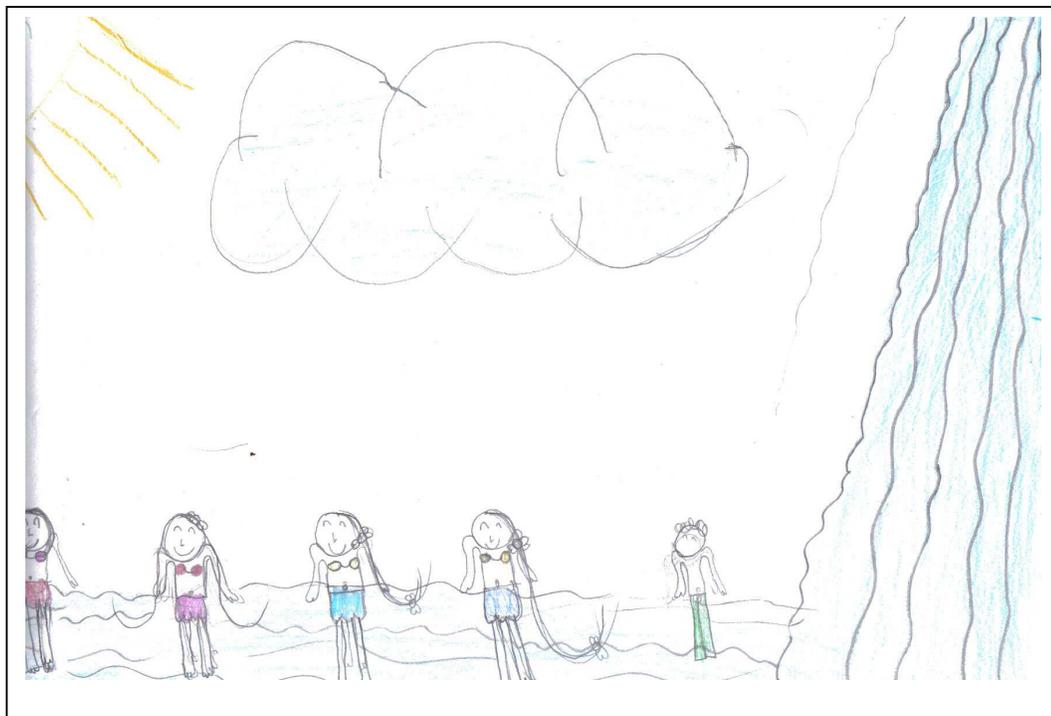




5.2.2 A fé



5.2.3 O parque da Cachoeira



5.2.4 Homem armado no telhado da casa do tio

